

Felizmente há luar

Obra de Luís de Sttau Monteiro



Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa

Trabalho elaborado por:

Ana Ribeiro nº1 3ºI

Introdução

Esta obra é classificada como um drama narrativo de carácter épico que retrata a trágica glória do movimento liberal em Portugal, apresentando as condições da região portuguesa do século XIX e revolta os mais esclarecidos, muitas organizações em sociedades secretas.

Luís de Sttau Monteiro proporciona nesta obra uma análise crítica da sociedade, mostrando a realidade, do modo a levar os espectadores a reagir criticamente e tomar uma posição.

As personagens são psicologicamente deusas, fazendo comentários irónicos denunciando assim a hipocrisia da sociedade. Esta obra é uma lenta contra a miséria, contra a tirania e a oposição, a traição, a injustiça e todas as formas de perseguição, preocupando-se sempre como homem e o seu destino.

Felizmente Há Luar é considerado um teatro épico uma vez que proporciona uma análise crítica da sociedade, procurando sempre mostrar a realidade em vez de a representar, para levar o espectador a reagir criticamente e a tomar uma posição. Propõe assim, um afastamento entre o actor e a personagem e entre o espectador e a história narrada, para que possam fazer a sua própria interpretação. O dramaturgo através dos gestos, cenário, palavras e didascálias, leva o público entender de forma clara a Mensagem.

O tempo histórico da obra é no século XIX, contudo o tempo da escrita é em 1961, século XX, uma época de vários conflitos entre a oposição e o regime Salazarista.

Título Felizmente há luar



O título “Felizmente há luar” aparece duas vezes ao longo da peça, primeira vez relatada por um elemento do poder, D. Miguel, e a segunda na fala de Matilde.

D. Miguel salienta o efeito dissuasor das execuções, querendo o castigo de Gomes Freire se torne um exemplo.

Matilde, antes pouco corajosa, na altura da execução, fala com as suas proferidas palavras de coragem e estímulo, para que o povo se revolte contra a tirania.

No primeiro momento, o título representa as trevas e o obscurantismo, no segundo momento representa a caminhada da sociedade em busca da liberdade.

O luar exprime duas conotações: para os opressores “ mais pessoas ficarão avisadas”, para os oprimidos “mais pessoas poderão um dia seguir essa luz e lutar pela liberdade”. Embora a noite represente o mal, o castigo, a morte e simboliza o obscuro, a lua mostra a luz, a força e a esperança. A lua simboliza a dependência do Sol, pois está privada de luz própria, e por ter quatro fases, mudando-se de forma a representar a falsidade do que parece e do que é, mas também da dependência e da periodicidade. A luz da lua também mostra renovação, fazendo com que a força se encontre.

Obra e Matilde

Obra

A obra descreve a injustiça proclamada pela nação, e pela morte de um inocente, por um lutador que lutava por um reino melhor, sem pobreza. Devido ao ódio que lhe tinham, este foi condenado à morte dolorosa como um pecador, como um ladrão, mas simplesmente era um homem que só queria lutar enquanto muitos outros não o sabiam fazer.

Este nunca aparece na história, mas toda ela fala dele, um homem bom, um homem que é Homem, e não um homem que nem sabe ser homem. Corajoso e lutador, que mostra a sua força através da mulher. Matilde que sofre pelo seu amado, preso injustamente. Ela luta até ao fim, com esperança que o possam libertar, mas mesmo desconfiando que ele tivesse sido queimado, a esperança continua, e a luta também, pois um homem santo como ele, pode fazer seguidores do seu destino.

Na noite da sua morte, a luz era uma metáfora do conhecimento do futuro, vencendo a escuridão, está saindo do luar e da fogueira assassina. Ambas não significam o perder, mas a esperança que um dia o bem e a justiça triunfarão, embora o sofrimento não desapareça. Esta luz representa a esperança num momento trágico, o bem vence ao mal. A fogueira dá uma mágica simbologia, fazendo e mostrando que existe uma certa liberdade.

Matilde

Matilde aparece só quando acontece uma desgraça, está com a desgraça acontecida torna-se corajosa, defensora da sinceridade, denunciadora da falsidade hipócrita do estado e da igreja. Luta contra os motivos já “perdidos”. É companheira de todas as horas de Gomes Freire com forte sentimento afectivo, manifestando-se apaixonada, mostrando que toma consciência da inabitabilidade do fim do seu companheiro, ainda que cheia de esperança caminha num estado de delírio, pedindo a liberdade do seu homem. Fala com sentimento de dor e de revolta.

“(…)ensina-se lhes que eles sejam valentes, para um dia virem ser julgados por cobardes, ensina-se-lhes que sejam justos, para que vivem num mundo em que reina a injustiça, ensina-se-lhes que sejam leais, para um dia a lealdade leva-los a forca, não seria mais humano, mais honesto, ensina-los de pequenos a viverem habituados á hipocrisia do mundo? Quem é mais feliz? O que luta por uma vida digna e acaba numa forca! Ou o que vive em paz pela inconsciência e acaba respeitado por todos? (...)” – (Fala de Matilde, quando entra em cena).

“(…)Sou Matilde de Melo natural de Seia, de uma terra tão pobre e tão pequena que Deus decerto que nunca ouviu falar nela, cresci rodeada de penhascos e de árvores, naquela que os ricos designam por santa e os pobres amaldiçoam, ...e ensinaram-me desde pequena amar a Deus sobre todas as coisas! Foi-me fácil fazê-lo, não por acreditar na grandeza de Deus..., mas por me ter apercebido da pequenez das coisas..., fui crescendo, tornei-me mulher, casei e quase morri aprisionada entre paredes sem janelas como se fugisse do mundo..., cheguei a querer, que o mundo era a minha aldeia, que Deus era irmão de D’el Rei... e que as más colheitas eram consequências dos pecados humanos.... Um dia entrou um homem na minha vida, entrou de tal forma senhor, que tornou posse dela, as paredes à minha volta começaram a ruir, e cheguei a deus por compreender a grandeza da sua obra, dei-lhe tudo o eu tinha (...)” – (Fala de Matilde sozinha, na natureza).

“(...) os homens não se medem pela força, mas pelos motivos que os levam a servi-los! (Sente-se com força),... meu homem nunca quis saber quantos homens tinhas atrás de si, e se algum dia olhou para trás foi para apenas para me ver (...) mas esta pede para que o liberte, ...é-me indiferente que o faça, por favor, ou por clemência, ou por outro motivo qualquer, para a mulheres pouco importa, não me importo que o rei seja um tirano e que o País seja mal governado, que me importa que as cadeias estejam cheias e o exercito por pagar e povo a morrer a fome..., quero o meu homem, ao meu lado, quero acabar os meus dias em paz! As mulheres estão sempre dispostas a estar com a tirania para ter os maridos em casa, se assim não fosse, já não havia reis por a Europa fora (...)” –(Fala de Matilde quando fala com Beresford)

Depois de ter ido a casa de D. Miguel e não ter sido recebida...

“(...)quanto dinheiro tem nos cofres das igrejas..., sou amante de um traidor, mas mesmo assim os traidores tem honra, são tantas as portas que se fecham, que acabamos por ter medo daquelas que se abrem, condena um homem inocente (...)” –(Fala de Matilde dirigida a Principal Sousa).

“(...)quero calar-me e não posso, se me calo vejo-o à minha frente, esperando que o vão buscar (...)” – (fala de saudade de seu corpo)-

“(...)olhai para aquela fogueira e reparai, que **felizmente há luar!**”

Matilde, como uma mulher normal igual a tantas outras, na hora da má hora, exprime romanticamente o seu amor, reagindo em algumas circunstâncias violentamente perante o ódio às injustiças vividas ao seu redor, ora desanima ora se revolta, mas sempre luta pelo seu amor.

E assim a morte de Gomes Freire talvez seja a motivação para que o povo se revolte contra os governadores.

“Julguei que isto ... Felizmente há luar!”.



O facto da obra terminar com esta expressão permite não só exprimir a mensagem de esperança, mas também como confere uma certa circularidade à obra. “A morte de Gomes Freire não é só o fim, mas sim o início de uma nova era”.

Na hora da morte de Gomes Freire, Matilde aparece feliz e forte. Nessa noite leva uma saia verde, esta saia esta a representar a sua felicidade. Foi comprada na “Terra da liberdade”, Paris. Ela sente uma certa “alegria” pois realizar-se-á um certo “reencontro”. O verde da saia, para além de ser feminino, esta também representa a esperança que um dia a justiça seja feita. Para além de tanto significado em que Matilde levou a saia, também mostra que o amor que sente pelo inocente morto é um amor verdadeiro e transformador, pois aparentemente venceu tudo, a dor a revolta , sobretudo comunicou a sua esperança.